

Teoria da Literatura II

Luiz Eduardo Oliveira



São Cristóvão/SE
2009

Teoria da Literatura II

Elaboração de Conteúdo
Luiz Eduardo Oliveira

Projeto Gráfico e Capa
Hermeson Alves de Menezes

Diagramação
Nycolas menezes Melo

Ilustração
Gerri Sherlock Araújo
Luzileide Silva Santos

Copyright © 2009, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

O48t Oliveira, Luiz Eduardo Menezes de.
Teoria da Literatura II / Luiz Eduardo Menezes de Oliveira -- São
Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.

1. Literatura - Teoria. 2. Português. 3. Língua portuguesa I. Título.

CDU 82

Presidente da República

Dilma Vana Rousseff

Ministro da Educação

Fernando Haddad

Diretor de Educação a Distância

João Carlos Teatini Souza Clímaco

Reitor

Josué Modesto dos Passos Subrinho

Vice-Reitor

Angelo Roberto Antonioli

Chefe de Gabinete

Ednalva Freire Caetano

Coordenador Geral da UAB/UFS**Diretor do CESAD**

Antônio Ponciano Bezerra

coordenador-adjunto da UAB/UFS**Vice-diretor do CESAD**

Fábio Alves dos Santos

Diretoria Pedagógica

Clotildes Farias de Sousa (Diretora)

Diretoria Administrativa e Financeira

Edélzio Alves Costa Júnior (Diretor)

Sylvia Helena de Almeida Soares

Valter Siqueira Alves

Coordenação de Cursos

Djalma Andrade (Coordenadora)

Núcleo de Formação Continuada

Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

Núcleo de Avaliação

Hérica dos Santos Matos (Coordenadora)

Núcleo de Tecnologia da Informação

João Eduardo Batista de Deus Anselmo

Marcel da Conceição Souza

Assessoria de Comunicação

Guilherme Borba Gouy

Coordenadores de Curso

Denis Menezes (Letras Português)

Eduardo Farias (Administração)

Paulo Souza Rabelo (Matemática)

Hélio Mario Araújo (Geografia)

Lourival Santana (História)

Marcelo Macedo (Física)

Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)

Coordenadores de Tutoria

Edvan dos Santos Sousa (Física)

Raquel Rosário Matos (Matemática)

Ayslan Jorge Santos da Araujo (Administração)

Carolina Nunes Goes (História)

Viviane Costa Felicíssimo (Química)

Gleise Campos Pinto Santana (Geografia)

Trícia C. P. de Sant'ana (Ciências Biológicas)

Laura Camila Braz de Almeida (Letras Português)

Lívia Carvalho Santos (Presencial)

Adriana Andrade da Silva (Presencial)

NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO

Hermeson Menezes (Coordenador)

Marcio Roberto de Oliveira Mendonça

Neverton Correia da Silva

Nycolas Menezes Melo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"

Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze

CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE

Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474

Sumário

AULA 1	
A Teoria da Literatura no Currículo de Letras.....	07
AULA 2	
História Literária e Teoria da Literatura	23
AULA 3	
A Teoria da Literatura e os Estudos Culturais	37
AULA 4	
Da retórica à História Literária: uma história do ensino de Literatura no Brasil.....	55
AULA 5	
Os gêneros literários	69
AULA 6	
Os gêneros do discurso.....	85
AULA 7	
A narrativa oral: algumas considerações.....	97
AULA 8	
A tradição da narrativa e o romance moderno	109
AULA 9	
A questão do foco narrativo.....	123
AULA 10	
O conto literário	135
AULA 11	
Literatura e História: representações da escola na literatura brasileira do século XIX.....	149
AULA 12	
Machado de Assis e os ingleses: um caso de literatura comparada.....	165

Aula 1

A TEORIA DA LITERATURA NO CURRÍCULO DE LETRAS

META

Apresentar, do ponto de vista histórico, o processo de institucionalização da Teoria da Literatura como campo de estudos e disciplina acadêmica; e discutir seus principais pressupostos e características, bem como suas finalidades, no currículo dos cursos de Letras.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
definir o processo de formação e institucionalização da Teoria da Literatura como disciplina acadêmica e reconhecer e identificar seus principais pressupostos e características, bem como suas finalidades, no currículo dos cursos de Letras.

PRÉ-REQUISITOS

O aluno deverá ter familiaridade com a problemática do conceito de Literatura e conceitos-chave da poética clássica, adquiridos em Teoria da Literatura I.

Luiz Eduardo Oliveira

INTRODUÇÃO

Olá, caro aluno! Seja bem-vindo ao nosso primeiro encontro. A Teoria da Literatura, de presença tão notável nos currículos dos Cursos de Letras, geralmente é entendida como uma espécie de disciplina-base dos estudos literários. De acordo com esse entendimento, ela seria um saber geral que abrange diversos compartimentos, ou subdisciplinas – poética, história da literatura, crítica literária etc. –, servindo de parte introdutória para um estudo “prático” do fato literário, representado pelas várias literaturas nacionais – literatura portuguesa, brasileira, francesa, inglesa etc.

Contudo, tal senso comum a respeito da Teoria da Literatura, além de generalizar um saber que se constituiu historicamente, a muito longo prazo, e com características marcantes em cada época, impede a sua compreensão como disciplina específica, diferenciada das demais (Retórica, Poética, História da Literatura, Crítica Literária etc) não só do ponto de vista terminológico, mas também metodológico e **epistemológico**, uma vez que (re)elabora uma rede de conceitos e apresenta novas filiações teóricas e concepções outras a respeito do fato literário.

Ver glossário no final da Aula

Nesta primeira aula, veremos como tal entendimento da Teoria da Literatura pode estar equivocado, pela investigação de seus antecedentes históricos e de sua própria constituição como disciplina acadêmica nos cursos de Letras. Assim, poderemos compreender o modo como a Teoria da Literatura define seus métodos, a partir de filiações teóricas correntes no início do século XX, e (re)define o seu objeto de estudo.

Antes, porém, faremos uma breve explanação do conceito de Literatura, isto é, o modo como o termo assume sentidos diversos até adquirir suas acepções atuais. Em seguida, veremos também que a Literatura, como a entendemos hoje, se constitui um objeto de estudo desde a Antiguidade clássica, adquirindo, com o passar do tempo, conformações disciplinares diversas, tais como Retórica, Poética, História da Literatura, Ciência da Literatura e Crítica Literária.

CONCEITO DA LITERATURA

A historicidade do conceito de Literatura: “Literatura” é um conceito moderno e relativamente recente, pois se desenvolve a partir do século XVIII e se consolida no século XIX, quando se constitui como disciplina escolar e depois acadêmica, pelo menos no mundo ocidental. Se hoje usamos a palavra “literatura” para referirmo-nos a escritores da Antiguidade clássica, e se tomamos **Aristóteles** como seu principal teórico sem nenhum medo de sermos taxados de **anacrônicos**, isso se deve à naturalização de tal conceito, que se tornou forte o suficiente para entrar no vocabulário da escola, da academia e da sociedade.

Contudo, diante da multiplicidade de respostas que podem ser dadas à pergunta “o que é literatura?”, as coisas não se mostram tão simples assim. Para respondê-la, é preciso levar em conta as condições sócio-políticas, culturais e ideológicas que fazem com que obras e autores de um dado período histórico tornem-se literários, para além de sua literariedade – isto é, dos elementos internos que desautomatizam os usos comuns da linguagem –, pois esta, do mesmo modo, é uma categoria historicamente construída, podendo ser identificada também em textos não literários. Como afirma Eagleton (1983, p. 9),

Se é certo que muitas das obras estudadas como literatura nas instituições acadêmicas foram “construídas” para serem lidas como literatura, também é certo que muitas não o foram. Um segmento de texto pode começar sua existência como história ou filosofia, e depois passar a ser classificado como literatura; ou pode começar como literatura e passar a ser valorizado por seu significado arqueológico. Alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros tal condição é imposta.

Segundo Souza (2007, p. 45), a palavra “literatura”, no decorrer da história, teve dois significados básicos:

1. Até o século XVIII, a palavra manteve seu sentido primitivo de sua origem latina (o termo provém do latim *litteratura*, “arte de escrever, literatura”, a partir da palavra latina *littera*, “letra”), significando conhecimento relativo às técnicas de escrever e ler; cultura do homem letrado e instrução.
2. Da segunda metade do século XVIII em diante, o vocábulo passa a significar o produto da atividade do homem de letras; conjunto de obras escritas; estabelecendo-se as bases de suas acepções modernas.

Chervel e Compère (1999, p. 157), por sua vez, afirmam que, na França do século XVIII, uma verdadeira reviravolta de significados intervém nesse campo lexical. As “letras”, que designavam o conjunto do saber, incluindo as ciências, têm de limitar seu sentido, por volta de 1720, às obras literárias. As “belas-letras”, por sua vez, que englobavam anteriormente até a filosofia, evoluem em uma direção análoga a partir de 1750. Quanto à “literatura”, que para Fontenelle, no prefácio da História da Academia das Ciências (1699), ainda compreendia todas as produções do espírito, inclusive as matemáticas, se fixa no uso moderno somente no decorrer da segunda metade daquele mesmo século. Quanto às acepções modernas do termo “literatura”, Souza (2007, p. 45) elenca as seguintes:

1. conjunto da produção escrita de uma época ou país (literatura clássica, brasileira, etc.);
2. conjunto de obras distinto pela temática, origem ou público visado (literatura infantil, feminina, etc.);
3. bibliografia sobre determinado assunto (literatura médica, jurídica, etc.);

4. ficção ou irrealidade;
5. disciplina dedicada ao estudo da produção literária.

Desse modo, mesmo que possamos fazer referência a autores e obras relacionados às acepções atuais de literatura em momentos anteriores ao século XVIII, é preciso ter em mente que, a rigor, estamos sendo anacrônicos, pois não podemos atribuir uma compartimentação específica do saber humanístico ocidental a épocas em que os saberes ainda não estavam compartimentados, ou setorizados, pelo menos do modo como se tornaram, especialmente a partir do século XVIII.

Feitas essas considerações iniciais, passaremos agora a ver quais são os antecedentes históricos da literatura como objeto de estudo.

A LITERATURA COMO OBJETO DE ESTUDO: ANTECEDENTES HISTÓRICOS

As primeiras discussões a respeito do que atualmente chamamos de Literatura apresentam-se nos próprios textos que hoje consideramos literários. Assim, em obras como a *Ilíada* e a *Odisséia*, de **Homero**, há passagens em que aparecem considerações a respeito da natureza e função da poesia e do poder do discurso. Souza (2007, p. 11) exemplifica uma de tais passagens com a *Odisséia*:

Depois de terem comido e bebido à vontade, Ulisses exclamou: “Demódocos, coloco-te acima de todos os homens mortais! Deves ter aprendido com a Musa, filha de Zeus, ou com Apolo, seu filho, pois contas muito bem o destino dos aqueus, tudo o que eles fizeram e sofreram e as dificuldades que enfrentaram, como se ali tivesses estado, ou ouvido de alguém que esteve. Agora, muda de tom e conta o artil do cavalo de madeira, como Epeios o fez com a ajuda de Atenéia, e Ulisses o introduziu dentro da cidadela, por meio de um estratagema, cheio dos homens que tomaram Ílion. Depois, se contares bem a história, declararei sem demora a todo mundo que Zeus foi generoso contigo e inspirou teu canto.

De acordo com a citação acima, podemos perceber uma explicação acerca da origem, natureza e função da poesia, ou da literatura, em sentido geral. Conforme o poeta grego, a origem da literatura é o ensinamento dos deuses, pois o bom poeta é aquele bem aquinhado pelas musas. Sua natureza consiste em ser uma narrativa dotada de poder de encantamento, algo observável pelo seu talento em narrar episódios passados como se lá estivesse. Sua função, finalmente, é reconstituir as ações dos grandes heróis lendários e históricos.

A primeira obra dedicada especialmente à Literatura como objeto de teorização é *Defesa de Helena*, de Górgias. Mas é com **Platão** e Aristóteles

que o que hoje consideramos estudos literários assumem contornos melhor definidos. Platão se ocupa da questão em *Íon*, *A República*, *Fedro* e *As Leis*, e Aristóteles na *Poética*, na *Política* e na *Retórica*.

Em ambos os autores, podemos distinguir dois aspectos básicos das primeiras teorizações sobre Literatura, em sentido lato: uma natureza normativa e uma natureza descritiva. Seu aspecto normativo caracteriza-se pela absolutização de certos valores ou dogmas orientadores de toda produção poética ou literária. Seu caráter descritivo, por outro lado, consiste na especulação aberta sobre o fato literário, associando-se à discussão de hipóteses explicativas diversas.

A LITERATURA E SUAS DISCIPLINAS TRADICIONAIS

A primeira disciplina a tratar do que hoje chamamos Literatura foi a Retórica, surgida no século V a.C., com o objetivo de sistematizar os recursos que poderiam dotar a palavra do poder de persuasão, englobando a literatura como modalidade específica de arte. No princípio, ela abrangia cinco partes, correspondentes às etapas da elaboração e execução do discurso: inventio (achar o que dizer); dispositio (pôr em certa ordem o que se tem a dizer); elocutio (colocar os ornamentos do discurso); pronunciatio (dicção e gesticulação adequadas ao discurso) e memoria (confiar o discurso à memória).

Com o passar do tempo, essas etapas reduzem-se a somente uma de suas partes: a elocutio, uma vez que a inventio e a dispositio são remanejadas para a Dialética e, dada a progressiva ênfase nas composições escritas, eliminam-se também a pronunciatio e a memoria. Tal redução, causada por fatores diversos, entre os quais o apagamento de sua função utilitária e a especialização dos saberes, a partir do século XVIII, fez com que os recursos discursivos classificados pela Retórica clássica passassem a fazer parte dos manuais de Gramática com o nome geral de “tropos e figuras” ou “figuras de estilo”. Posteriormente, tais figuras foram, por sua vez, reduzidas ao par metáfora/metonímia, com o **formalismo russo** do início do século XX (SOUZA, 1999, p. 11-12).

A *Poética*, que, como a Retórica e a Gramática, constitui uma das disciplinas clássicas dos discursos, surgiu também na Grécia do período clássico e tem na obra de Aristóteles o seu primeiro tratado sistemático. Até o século I, a *Poética* se manteve dissociada da Retórica, pois, enquanto esta tratava da oratória e do raciocínio, aquela tinha como objeto o estudo dos gêneros hoje considerados literários. Conforme os ensinamentos de Aristóteles, são quatro os conceitos-chave da arte poética:

1. Mímesis: concepção da literatura e da arte em geral como imitação, assumindo este termo, com o passar dos tempos, variadas interpretações;
2. Verossimilhança: propriedade que tem toda obra literária de engendrar situações coerentes e necessárias segundo a sua lógica interna, bem como a sua semelhança com o verdadeiro, ou com a verdade;

3. *Catarse*: propriedade que tem toda obra literária de promover uma purificação ou clarificação racional das paixões, mediante a criação de situações comoventes;

4. *Gêneros Literários*: distinção entre tragédia, comédia, epopéia, etc.

A partir do século I, a Retórica e a Poética passam a se confundir, permanecendo quase indissolúveis até o século XIX, quando, com a redescoberta da obra de Aristóteles, a Poética se transforma em uma disciplina de caráter filosófico-técnico-formal própria para escritores e críticos literários, e a Retórica passa a ser uma disciplina técnico-formal circunscrita aos professores e ao ensino, especialmente pelos jesuítas (BARTHES, apud Souza, 1999, p. 14).

Tal indissolubilidade é visível nos programas de ensino do Imperial Colégio de Pedro II durante quase todo o Brasil oitocentista, nos quais a cadeira de Retórica e Poética, ensinada no sétimo e último ano do curso secundário, como o próprio nome da disciplina sugere, englobava ambas as matérias, além de incluir, a partir da década de 1860, aspectos históricos da literatura nacional, isto é, portuguesa e brasileira, e geral – literaturas clássicas e modernas de outros países (SOUZA, 1999).

Vale ressaltar que a palavra “poesia”, da qual deriva o termo “poética”, nos dá a impressão de que esta disciplina trata exclusivamente de composições em verso. Assim como a palavra “literatura”, os sentidos do vocábulo poesia variam consideravelmente no decorrer da história. Souza (2007) nos fornece uma síntese deles:

1. Gênero literário caracterizado pelo uso do verso, em oposição à prosa, significado que prevaleceu na Antiguidade clássica e no classicismo moderno, apesar da ressalva de Aristóteles de que o objeto da Poética constituía-se em uma série de propriedades, tais como a mímese, a verossimilhança e a *catarse*, e não em um conjunto de composições em verso, o que incluiria certos tratados de medicina;

2. A literatura em geral, abrangendo composições metrificadas e não metrificadas, desde que dotadas de propriedades artísticas ou ficcionais, concepção que se consolida no século XIX, com o Romantismo;

Circunstância, paisagem, manifestação artística, situação existencial, etc., capazes de gerar ressonâncias especiais no espectador, tais como emoção e beleza, esta um objeto de uma disciplina criada no século XVIII, a Estética, de muita influência na origem das concepções românticas.

Com a decadência da Retórica e da Poética, causada por uma série de fatores, dentre os quais a sua pouca ligação com o projeto nacionalista em curso em vários países, principalmente no Brasil, que acabava de alcançar a sua independência política, e a estética romântica, que valorizava as criações individuais de escritores que fugiam às prescrições clássicas, surge uma nova disciplina dedicada aos estudos literários, a História da Literatura.

Ocupando espaço inicialmente nos domínios da Retórica e Poética, a História da Literatura vai assumir hegemonia tanto na crítica quanto no

sistema de ensino, algo representado, no Brasil, pelo grande número de compêndios de História da Literatura Brasileira publicados no período, bem como pela notoriedade de seus autores: Cônego Fernandes Pinheiro, Sílvio Romero, etc. (OLIVEIRA, 1999).

A História da Literatura, além de se conformar ao projeto romântico de invenção e consolidação de um espírito de nacionalidade, historiando cronologicamente os autores e obras mais representativos de cada país, adaptava-se ao ideal cientificista do final do século, pois buscava causas biológicas e sociológicas para o fato literário. Desse modo, ela se desenvolveu sobre dois modelos: um de natureza “biográfico-psicológica”, enfatizando a vida do autor, a despeito do texto literário, outro de natureza “sociológica”, que se concentrava nos fatores políticos, econômicos, sociais e ideológicos da produção literária. Além dessas duas vertentes, Souza (2007, p. 31) aponta um terceiro modelo, denominado “filológico”, o qual, obedecendo também aos princípios historicistas e cientificistas do período, tinha os seguintes objetivos:

1. Reconstruir textos antigos, truncados ou de algum modo alterados pelas sucessivas impressões e edições;
2. Explicar textos antigos, por meio de notas relativas à história, geografia, mitologia ou aos aspectos fonéticos, morfossintáticos e lexicais das línguas em que são escritos;
3. Inventariar as fontes e influências das obras.

Outra expressão que concorreu com História da Literatura, em meados do século XIX, foi Ciência da Literatura, disciplina também de cunho historicista e cientificista, mas cujo uso se consolidou somente em língua alemã (Literaturwissenschaft), na qual ainda é usada, no século XX, com o sentido corrente – e equivocado – de Teoria da Literatura. Ainda no século XIX, passou a circular de maneira mais ampla a expressão Crítica Literária para designar o saber sobre Literatura. Segundo Souza (2007, p. 32), na Antiguidade, os gregos usavam como equivalentes as palavras kritikós e grammatikós, caindo em desuso o primeiro termo. Como entre os romanos o vocábulo criticus era raramente usado, preferindo-se usar grammaticus, a palavra “crítica” só foi reabilitada no Renascimento, década de 1860, aspectos históricos da literatura nacional, isto é, portuguesa e brasileira, e geral – literaturas clássicas e modernas de outros países (SOUZA, 1999).

Vale ressaltar que a palavra “poesia”, da qual deriva o termo “poética”, nos dá a impressão de que esta disciplina trata exclusivamente de composições em verso. Assim como a palavra “literatura”, os sentidos do vocábulo poesia variam consideravelmente no decorrer da história. Souza (2007) nos fornece uma síntese deles:

1. Gênero literário caracterizado pelo uso do verso, em oposição à prosa, significado que prevaleceu na Antiguidade clássica e no classicismo moderno, apesar da ressalva de Aristóteles de que o objeto da Poética constituía-se em uma série de propriedades, tais como a mímese, a verossimilhança e a

catarse, e não em um conjunto de composições em verso, o que incluiria certos tratados de medicina;

2. A literatura em geral, abrangendo composições metrificadas e não metrificadas, desde que dotadas de propriedades artísticas ou ficcionais, concepção que se consolida no século XIX, com o Romantismo;

Circunstância, paisagem, manifestação artística, situação existencial, etc., capazes de gerar ressonâncias especiais no espectador, tais como emoção e beleza, esta um objeto de uma disciplina criada no século XVIII, a **Estética**, de muita influência na origem das concepções românticas.

Com a decadência da Retórica e da Poética, causada por uma série de fatores, dentre os quais a sua pouca ligação com o projeto nacionalista em curso em vários países, principalmente no Brasil, que acabava de alcançar a sua independência política, e a estética romântica, que valorizava as criações individuais de escritores que fugiam às prescrições clássicas, surge uma nova disciplina dedicada aos estudos literários, a História da Literatura.

Ocupando espaço inicialmente nos domínios da Retórica e Poética, a História da Literatura vai assumir hegemonia tanto na crítica quanto no sistema de ensino, algo representado, no Brasil, pelo grande número de compêndios de História da Literatura Brasileira publicados no período, bem como pela notoriedade de seus autores: Cônego Fernandes Pinheiro, **Sílvio Romero**, etc. (OLIVEIRA, 1999).

A História da Literatura, além de se conformar ao projeto romântico de invenção e consolidação de um espírito de nacionalidade, historiando cronologicamente os autores e obras mais representativos de cada país, adaptava-se ao ideal cientificista do final do século, pois buscava causas biológicas e sociológicas para o fato literário. Desse modo, ela se desenvolveu sobre dois modelos: um de natureza “biográfico-psicológica”, enfatizando a vida do autor, a despeito do texto literário, outro de natureza “sociológica”, que se concentrava nos fatores políticos, econômicos, sociais e ideológicos da produção literária. Além dessas duas vertentes, Souza (2007, p. 31) aponta um terceiro modelo, denominado “filológico”, o qual, obedecendo também aos princípios historicistas e cientificistas do período, tinha os seguintes objetivos:

1. Reconstruir textos antigos, truncados ou de algum modo alterados pelas sucessivas impressões e edições;
2. Explicar textos antigos, por meio de notas relativas à história, geografia, mitologia ou aos aspectos fonéticos, morfossintáticos e lexicais das línguas em que são escritos;
3. Inventariar as fontes e influências das obras.

Outra expressão que concorreu com História da Literatura, em meados do século XIX, foi Ciência da Literatura, disciplina também de cunho historicista e cientificista, mas cujo uso se consolidou somente em língua alemã (*Literaturwissenschaft*), na qual ainda é usada, no século XX, com o sentido corrente – e equivocado – de Teoria da Literatura. Ainda no século

XIX, passou a circular de maneira mais ampla a expressão Crítica Literária para designar o saber sobre Literatura. Segundo Souza (2007, p. 32), na Antiguidade, os gregos usavam como equivalentes as palavras *kritikós* e *grammatikós*, caindo em desuso o primeiro termo. Como entre os romanos o vocábulo *criticus* era raramente usado, preferindo-se usar *grammaticus*, a palavra “crítica” só foi reabilitada no Renascimento, passando a significar a restauração de textos antigos – tal como comprova a expressão ainda corrente “crítica textual” –, além da atividade de comparar, classificar e julgar a produção literária. A partir do final do século XVII, a expressão “crítica literária” designa o saber geral sobre Literatura, concorrendo, no século XIX com as expressões História da Literatura e Ciência da Literatura. No século XX, os termos “crítica literária”, “poética”, “ciência da literatura” e “teoria da literatura” são usados como sinônimos.

A CONSTITUIÇÃO DA TEORIA DA LITERATURA COMO DISCIPLINA ACADÊMICA

Na virada do século XIX para o XX, vários fatores concorrem para a crise das duas linhas mestras do pensamento filosófico e científico oitocentista: o historicismo, que concebe a história como uma evolução contínua e linear, além de **teleológica**, e o positivismo, que faz apologia à ciência, concebida como um conhecimento neutro e objetivo baseado em fatos observáveis. Entre os fatores, podemos enumerar o desenvolvimento do método **fenomenológico** na filosofia, que influencia decisivamente as ciências humanas; o aparecimento do **gestaltismo**; a configuração da Lingüística Estrutural na obra de **Ferdinand Saussure** e a eclosão das vanguardas artísticas, que concebiam a arte, e especialmente a Literatura, mais como uma pesquisa de linguagem do que como representação de fatos. No campo propriamente literário, tais orientações fizeram com que aparecessem, em diferentes centros culturais e universitários, várias correntes de estudos que passaram a investigar o texto em si, em detrimento de seus condicionantes externos, sejam eles biográficos, sociológicos ou biológicos. Essa concentração na imanência dos textos buscava entender o fato literário como resultante de um arranjo especial da linguagem, numa relação coerente entre seus elementos internos, daí a ênfase na estrutura da obra literária, e sua íntima relação com um saber que passava a constituir-se como disciplina-mãe das ciências humanas, a Lingüística, influenciando decisivamente várias áreas, como a antropologia e a psicanálise, que passaram a adotar posturas **estruturalistas**. Desse modo, a Lingüística converteu-se em método dos estudos literários, fato que fez com que **Jakobson** (1970, p. 119) chegasse a afirmar que a Poética era uma parte integrante da Lingüística, uma vez que esta era a ciência matriz da estrutura verbal. Como método, ela fez com que os estudos literários adotassem como princípios: a imanência textual, isto é,

o funcionamento interno da estrutura da obra; o estabelecimento de níveis de análise, ou de instâncias de organização textual – nível fonológico, nível morfossintático, nível semântico –; e a integração das unidades de todo o sistema lingüístico-literário. Além de um método, a Lingüística forneceu aos estudos literários os elementos necessários para a delimitação e sistematização científica do seu objeto: a literariedade, isto é, os recursos discursivos, ou “mecanismos estruturais” que fazem com que algumas composições verbais produzam um efeito de “desvio organizado” dos padrões do que os formalistas russos consideravam a “linguagem comum”.

É nesse contexto de renovação teórico-metodológica e de redimensionamento de seu objeto que os estudos literários ganham uma nova disciplina: a Teoria da Literatura, que vai englobar as contribuições de várias das correntes ou escolas que se desenvolveram a partir das primeiras décadas do século XX – tais como a **estilística**, o formalismo russo e o new criticism anglo-americano –, alcançando o status científico que lhe faltava para se adaptar à nova configuração das ciências humanas, bem como para constituir-se como disciplina acadêmica, algo que se consolida com o prestígio de Teoria da Literatura (1949), obra do austríaco René Wellek e do norte-americano Austin Warren, que fez com que a expressão se difundisse nos vários países em que o livro foi traduzido e se transformasse no rótulo da nova disciplina, que passou a ser alocada nos cursos superiores de Letras. Na medida em que seu emprego se generalizava, foram perdendo terreno expressões concorrentes – Poética, História da Literatura, Crítica Literária, Retórica e Poética, etc. –, a tal ponto de a nova disciplina se colocar como sinônima de estudos literários, isto é, como uma disciplina-base que tem como objeto a Literatura e da qual as outras são apenas sub-ramos (SOUZA, 2007, p. 21).

Esse momento de consolidação da Teoria da Literatura como disciplina acadêmica coincide com a criação dos primeiros cursos de Letras no Brasil, especialmente depois do Decreto 19.851, de 11 de abril de 1931, conhecido como Estatuto das Universidades Brasileiras. O inciso I do artigo 5.º do referido decreto tornou obrigatório o oferecimento das Faculdades de Educação, Ciências e Letras, além dos cursos de Medicina, Engenharia e Direito, para a constituição de uma universidade. Antes, o estudo das Letras se dava em nível secundário, principalmente no Colégio de Pedro II, ao fim do qual o estudante obtinha o grau de Bacharel em Letras. Contudo, o caráter enciclopédico e humanístico de tal curso, dirigido primordialmente à elite estudantil da época, acabava dotando a instrução secundária de um perfil universitário, como veremos em aula posterior sobre o ensino de Literatura no país do ponto de vista histórico.

CONCLUSÃO

Caro aluno, como vimos, ao contrário do que geralmente se pensa, a Teoria da Literatura não pode ser entendida como um saber geral sobre Literatura que abrange diversos compartimentos, ou subdisciplinas, servindo de parte introdutória para um estudo “prático” do fato literário, mas como uma disciplina específica que se constitui a partir das primeiras décadas do século XX e se consolida com a publicação, em 1949, do livro *Teoria da Literatura*, de René Wellek e Austin Warren. Alcançando hegemonia entre as disciplinas dedicadas aos estudos literários, ela logo se consagrou como uma espécie de campo privilegiado para o estudo e a pesquisa do fato literário tornando subsidiárias as disciplinas tradicionais que tratavam da matéria, que, por sua vez, também se constituíram historicamente, em seus respectivos contextos institucionais, políticos, culturais e pedagógicos.

Desse modo, convém ressaltar que a Teoria da Literatura surgiu dentro de um panorama de reconfiguração das ciências humanas, causada em grande parte pelo aparecimento da Linguística Estrutural e do lugar de destaque que os estudos da linguagem passaram a ter. Alcançando o estatuto científico-acadêmico que lhe faltavam, diante das novas exigências intelectuais, os estudos literários, já desgastados pelo prescritivismo da Retórica e Poética e pelo historicismo e cientificismo da História e da Crítica Literária, foram abarcados pela Teoria da Literatura.

Hoje em dia, a Teoria da Literatura atravessa um momento de crise, depois de ter alcançado seus momentos de glória nas décadas de 1960 e 1970 (COMPAGNON, 2006). Tal crise fora motivada pelo crescente questionamento de seus métodos e conceitos, bem como pelo universalismo de suas proposições. Uma primeira indagação sobre o imanentismo da Teoria da Literatura ocorreu ainda na década de 1960, quando a atenção dos estudiosos, seja da chamada estética da recepção, de feição alemã, seja das mais recentes teorias do reader's response norte-americanas, concentrou-se no leitor ou receptor da obra. A publicação de *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária* (1967), de Hans Robert Jauss, ao trazer o tema da historiografia de volta ao debate, estabeleceu os pressupostos para a reescrita da História da Literatura sob a perspectiva da estética da recepção (Jauss, 1994). Já na década de 1990, o “boom” dos **Estudos Culturais** fez com que vários pressupostos da Teoria da Literatura fossem postos em cheque, tais como a literariedade – conceito já criticado por Terry Eagleton, em seu manual *Teoria da Literatura: uma introdução*, de 1983 –, “valor estético” e “cânones literários”.

Contudo, a Teoria da Literatura continua hegemônica nos cursos de graduação em Letras, e não podemos deixar de reconhecer o seu valor e sua contribuição para uma análise sistemática dos textos literários, principalmente pelo seu instrumental teórico-metodológico, que dotou os estudos literários de uma especificidade que até as primeiras décadas do século XX inexistia.



RESUMO

Nessa primeira aula, aprendemos que o conceito de Literatura não é algo dado e naturalizado, pois se constituiu historicamente, a partir da segunda metade do século XVIII, quando o termo passou a significar um grupo específico de textos dotados de propriedades artísticas ou estéticas, e não todo o conjunto da produção escrita de uma determinada época ou determinado país. Vimos também que a Literatura, tal como a entendemos hoje, apesar de não se apresentar com esse nome, é um objeto de estudo desde a Antiguidade clássica, e que seu primeiro teórico, por assim dizer, foi Aristóteles, em sua Poética. Com as releituras e re-apropriações dessa obra, na Idade Média e no Renascimento, esse objeto foi ganhando disciplinas que se tornaram tradicionais, como a Retórica e a Poética, que depois fundiram-se numa só matéria, a História da Literatura, hegemônica durante os séculos XVIII e XIX, a Ciência da Literatura – disciplina que só se consolida em língua alemã – e a Crítica Literária. Por fim, aprendemos que o termo “Teoria da Literatura” é de uso recente, tornando-se amplamente empregado depois da publicação do livro de René Wellek e Austin Warren – Teoria da Literatura –, em 1949, quando tal rótulo passou a designar a disciplina nos cursos universitários de Letras. Vale ressaltar que não se trata de uma simples mudança terminológica, mas de uma mudança de orientação teórica e metodológica, influenciada pelo destaque dos estudos lingüísticos, principalmente depois da teorização dos formalistas russos.



ATIVIDADES

Responda às seguintes questões:

1. Por que não podemos usar o termo “literatura” para nos referir a obras da Antiguidade clássica sem sermos anacrônicos?
2. De acordo com Souza (2007), quais são as acepções modernas do termo “literatura”? Comente sobre cada uma delas.
3. Quais seriam os precursores dos estudos literários na Antiguidade clássica? Cite resumidamente suas principais contribuições.
4. O que você entende por atitude prescritiva e descritiva dos estudos literários? Qual dessas atitudes se encaixa melhor na Teoria da Literatura? Justifique sua resposta.

5. Quais são as disciplinas tradicionais que tratam da Literatura? Descreva resumidamente suas principais características.
6. Quais são, em sua opinião, os principais fatores que concorrem para a configuração da Teoria da Literatura como disciplina acadêmica? Justifique sua resposta.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Essa atividade tem por finalidade principal fazer com que você construa uma síntese dos principais conteúdos dessa primeira aula, de modo a compreender criticamente o processo de constituição da Teoria da Literatura como uma disciplina específica, evitando o mal-entendido segundo o qual tal disciplina designa um saber abrangente e geral sobre Literatura, sendo as demais apenas ramificações suas.

REFERÊNCIAS

- CHERVEL, André; COMPÈRE, Marie-Madeleine. As humanidades no ensino. Tradução: Circe Maria Fernandes Bittencourt. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 25, n. 2, p. 149-170, 1999.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução: I. Blikstein e J. P. Paes. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1970.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução: Sérgio Tellarolli. São Paulo: Ática, 1994.
- OLIVEIRA, Luiz Eduardo. **A historiografia brasileira da literatura inglesa: uma história do ensino de inglês no Brasil (1809-1951)**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. 1999. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Teses/index.htm>>
- SOUZA, Roberto Acízelo de. 1999. **O império da eloquência: Retórica e Poética no Brasil oitocentista**. Rio de Janeiro: EDUERJ / EDUFF, 1999.
- _____. **Teoria da literatura**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2007.

GLÓSSARIO

Epistemológico: De Epistemologia ou teoria do conhecimento. É um ramo da filosofia que trata dos problemas filosóficos relacionados à crença e ao conhecimento. A epistemologia estuda a origem, a estrutura, os métodos e a validade do conhecimento (daí também se designar por filosofia do conhecimento). Ela relaciona-se ainda com a metafísica, a lógica e o empirismo, uma vez que avalia a consistência lógica da teoria e sua coesão fatural, sendo assim a principal dentre as vertentes da filosofia (é considerada a “corregedoria” da ciência). (fonte: <http://pt.wikipedia.org>).



Aristóteles: Filósofo grego (384-322 a.C), nascido em Estagira. Um dos maiores pensadores de todos os tempos, considerado o criador do pensamento lógico.

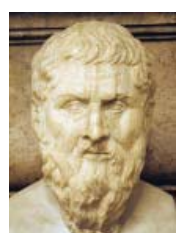
Anacrônicos: De anacronismo, isto é, falta contra a cronologia. É um erro na data dos acontecimentos, consiste em atribuir a uma época, a um personagem da história, sentimentos, costumes que são de outra época. Falta de alinhamento, consonância com um determinado período de tempo, com uma época.



Bernardle Bovier: Escritor francês (1657 -1757). Também referenciado como Bernard le Bouyer de Fontenelle.



Homero: Primeiro grande poeta grego cuja obra chegou até nós. Teria vivido no século VIII a.C., período coincidente com o ressurgimento da escrita na Grécia. Consagrou o gênero épico com as obras *Ilíada* e *Odisséia*. Além destas, são a ele atribuídas as obras *Margites*, *Batracomiomaquia* e os *Hinos homéricos*.



Platão: Filósofo grego (428/27 a.C-347 a.C). Discípulo de Sócrates, fundador da Academia e mestre de Aristóteles. Acredita-se que seu nome verdadeiro era Aristócles; Platão foi um apelido que, provavelmente, fazia referência à sua compleição física ou à sua ampla capacidade intelectual. Plátos, em grego, significa

amplitude, dimensão, largura. Platão ocupou-se com vários temas: ética, política, metafísica e teoria do conhecimento.

Formalismo russo: Influente escola de crítica literária da Rússia de 1910 até 1930. O Formalismo Russo exerceu maior influência em pensadores como Mikhail Bakhtin e Yuri Lotman, e no estruturalismo por inteiro. Os membros do movimento são amplamente considerados os fundadores da crítica literária moderna.



Sílvio Romero: Crítico literário, ensaísta, poeta, filósofo brasileiro (1851-1914). Nascido em Lagarto/SE, também destacou-se na atividade política.

Teleológica: Uma doutrina que estuda os fins últimos da sociedade, humanidade e natureza. Suas origens remontam a Aristóteles com a sua noção de que as coisas servem a um propósito.

Fenomenológico: Método filosófico nascido na segunda metade do século XIX, a partir das análises de Franz Brentano sobre a intencionalidade da consciência humana, que trata de descrever, compreender e interpretar os fenômenos que se apresentam à percepção. Propõe a extinção da separação entre “sujeito” e “objeto”, opondo-se ao pensamento positivista do século XIX.

Gestaltismo: Ou psicologia da gestalt, é um dos muitos ramos da Psicologia. Desenvolveu-se a partir de 1912, pela necessidade da existência de uma teoria que salientasse sobretudo o aspecto global da realidade psicológica, não esquecendo o valor e a necessidade da experimentação científica.



Ferdinand Saussure: Lingüista suíço (1857-1913). Suas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da lingüística como ciência e desencadearam o surgimento do estruturalismo. Além disso, o pensamento de Saussure estimulou muitos dos questionamentos que comparecem na lingüística do século XX.

Estruturalista: Corrente de pensamento nas ciências humanas que se inspirou do modelo da lingüística e que apreende a realidade social como um conjunto formal de relações.

Jakobson: Pensador russo (1896-1982). Tornou-se um dos maiores lingüistas do século XX e pioneiro da análise estrutural da linguagem, poesia e arte.

Estilística: Do alemão *Stylistik*, pelo francês *stylistique*, é o ramo da Lingüística que estuda o poder de expressão de uma língua, sua capacidade de provocar sugestões e emoções usando certas fórmulas e efeitos de estilo. Para alguns autores, entretanto, a estilística não passa de um ramo da gramática.

New Criticism: Movimento inicial da Teoria Literária surgido nos anos 20 nos Estados Unidos. Ele propõe a separação do texto e do autor a fim de que o texto seja objeto em si mesmo. Rompe com biografismo da crítica de então, mas rejeita também a análise literária a partir de contextos sociais ou culturais. Por isso dizemos que se enquadra na Corrente Textualista dos estudos literários. Um dos conceitos mais conhecidos destes teóricos é o Leitura Atentiva (*close reading*), leitura analítica e minuciosa do texto preconizada por T.S. Eliot.